

Circuitos invisíveis do trabalho doméstico: a migração interna de mulheres por entre rotas e redes do norte de Minas Gerais

Guélmer Júnior Almeida de Faria¹

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula²

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, sob o panorama da migração interna, o trabalho doméstico no meio urbano e o acionamento de suas rotas e redes migratórias. Isto é, busca-se demonstrar as redes das migrantes oriundas de comunidades rurais do Norte de Minas Gerais e as rotas migratórias inter-regionais e intraestaduais nas quais estão inseridas. Utilizando a pesquisa qualitativa, através da triangulação de diferentes métodos e técnicas para construção das informações sobre o objeto de estudo. Este estudo contribui para a compreensão das migrações contemporâneas recentes e da visibilidade feminina nas migrações internas. A perspectiva de análise das redes e rotas migratórias de mulheres fornece aspectos relevantes para pensar os circuitos invisíveis do trabalho doméstico e as migrações.

Palavras-chave: Circuitos Migratórios; Mulheres; Trabalho Doméstico.

¹ Doutor em Desenvolvimento Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES. Pesquisador Doutor do Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável (IPPDS/UFV). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2352838003809047> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2089-3064> Email: E-mail: guelmerjrf@gmail.com

² Doutora em Geografia, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Professora e pesquisadora no Departamento de Política e Ciências Sociais (DPCS) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES-MG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6449913303324148> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2586-4043> Email: andreapirapora@yahoo.com.br/andreasertao@gmail.com.

Circuitos invisíveis do trabalho doméstico: a migração interna de mulheres por
entre rotas e redes do norte de minas gerais

FARIA, G. J. A.

PAULA, A. M. N. R.

Invisible circuits of domestic work: the internal migration of women through routes and networks in the north of Minas Gerais

Abstract: The aim of this article is to analyze, from the perspective of internal migration, domestic work in the urban environment and the activation of its migratory routes and networks. In other words, it seeks to demonstrate the networks of migrant women from rural communities in the north of Minas Gerais and the inter-regional and intra-state migratory routes in which they are inserted. It uses qualitative research, triangulating different methods and techniques to gather information on the object of study. This study contributes to an understanding of recent contemporary migrations and the visibility of women in internal migrations. The perspective of analyzing women's migratory networks and routes provides relevant aspects for thinking about the invisible circuits of domestic work and migration.

Keywords: Migratory circuits; Women; Domestic work.

Introdução

Ao pé do casarão mal iluminado fatal foi pensares que ofereciam vida nova, pois ouviste os sinos. A família dormia ainda. Soubeste logo que havia menino, que havia menina, um doutor e sua mulher a quem devias servir, branca e alta mulher. [...] Mas ao ouvir a voz “Ó pequena”, desabalada era a tua carreira pelas escadas, era a hora de retirar o urinol de porcelana com a urina da branca senhora que ficou roxa um dia porque te pegou dizendo “pêra lá que eu vou tirá o mijo da mulhé” e te trancou e quase te esmagou na porta para que consertasses a língua, Ó pequena! Terias que dizer “fazer o meu serviço, cumprir minha obrigação” aprendeste logo sem compreender.

Maria Lúcia Medeirosⁱ

Esse trecho do conto *Velas. Por quem?*, de Maria Lúcia Medeiros, narra a trajetória e o curso da vida de muitas de mulheres trabalhadoras domésticas e migrantes invisibilizadas quando se pensa a construção histórica do Brasil. Assim, como na literatura em tela, a vida e o trabalho de muitas meninas oriundas de comunidades rurais e indígenas tem sido marcada pela servidão e obediência. O trabalho doméstico aloca muitas mulheres em situação de risco social, passíveis dos efeitos nefastos deste tipo de serviço, como precariedade, instabilidade, exploração, dominação e até mesmo o abuso sexual. A sensibilidade de Medeiros contrasta com uma realidade até hoje presente no Brasil.

No Norte e Nordeste do Brasil, é comum que meninas de 9, 10, 12 anos saiam das casas de seus pais e se mudem para a capital ou a cidade mais próxima à procura de trabalho em “casa de família”ⁱⁱ, onde atuam como empregadas domésticas, ajudantes, babás e cuidadoras. Muitos discursos se sobrepõem a essa modalidade de recrutamento que é o da educação. Contraditoriamente, muitas patroas relatam que o trabalho poderá ser conjugado com os estudos o que não

ocorre, devido as extenuantes jornadas do trabalho doméstico. Ou seja, apesar de o conto ser datado de meados de “oitocentos”, ele ainda evidência as relações contemporâneas do cotidiano de muitas famílias e de mulheres e meninas, como no Norte de Minas, no Estado de Minas Gerais.

A migração interna aqui analisada não é debatida em grupos de trabalhos sobre estudos migratórios, não está nos dados oficiais e nem é tratado nas políticas públicas. O trabalho de mulheres nativas e mulheres migrantes nem sempre se encaixa na ideologia do trabalho e é mal avaliada pelos dados oficiais e nem sempre reconhecida como uma atividade econômicaⁱⁱⁱ. Trata-se de um circuito invisível. Nesse sentido, a feminização da migração interna no Brasil é um debate que está por ser feito. A migração interna é uma marca profunda no Brasil. Muitas mulheres de regiões rurais e periféricas migram em busca de trabalho, geralmente para a função de empregada doméstica ou “doméstica” e realizam esse deslocamento por meio de rotas e redes migratórias.

Para esta investigação, os estudos de Iramaira de Oliveira Torres e Brenda Maria Vieira Mendes^{iv} no estado do Maranhão, Francisco Lucas do Nascimento Pereira, Silvana Nunes de Queiroz e Ricardo Monteiro de Carvalho^v no estado do Ceará e Leilyane Souza Leão no estado da Bahia^{vi} foram fundamentais para a compreensão da dinâmica da inserção profissional das mulheres do Norte e Nordeste no trabalho doméstico no Sudeste.

Á vista disso, estruturamos a seguinte questão de pesquisa: *como as trabalhadoras domésticas do Norte de Minas Gerais acionam rotas e redes nos circuitos de sobrevivências entre o local de origem e destino, trabalho e vida no processo migratório?* Argumenta-se, segundo Saskia Sassen^{vii}, que a globalização

foi o contexto propício para a industrialização do trabalho doméstico e de cuidados ao gerar dinâmicas de migração como circuitos alternativos de sobrevivência, sobretudo para as mulheres.

Na esteira do processo de globalização, Barbara Ehrenreich e Arlie Hochschild e Rhacel Parreñas^{viii} nos informam que o movimento do capital, informações e mercadorias se seguiram ao deslocamento de pessoas. Originalmente, o foco era o movimento de trabalhadores na manufatura, na agricultura e na construção. Na década de 1990, o trabalho reprodutivo de mulheres migrantes no trabalho doméstico e de cuidados em economias que estão se tornando mais complexas entrou no cenário global. A dimensão global do cuidado é expressa na feminização da migração.

É importante frisar que o trabalho doméstico realizado de diversas maneiras, seja em residências particulares de forma constante ou intermitente, há muito absorve a mão de obra feminina no Brasil, estando estreitamente ligado ao movimento migratório, interno e externo^{ix}. Nas últimas décadas, a migração rural-urbano no Brasil tem transformando o padrão demográfico. Se na década de 1950 havia o êxodo rural para os grandes centros urbanos industriais, agora há também muitas famílias com meninas e mulheres jovens que almejam o acesso à escola, o trabalho e a atração pelo estilo de vida urbano que estão localizados nas cidades de médio porte de sua própria região.

Neste artigo, toma-se como objeto de estudo a migração interna de mulheres para o trabalho doméstico no meio urbano e o acionamento de suas rotas e redes migratórias. A formação e o fortalecimento destes circuitos devem-se em grande parte às condições estruturais subjacentes. Entre os principais intervenientes que emergem nestas situações e forjam estes circuitos estão as próprias mulheres que procuram emprego, mas também, e cada vez mais, as rotas e as redes migratórias. De acordo com Abdelmalek Sayad^x, o migrante representa

um itinerário epistemológico, e as migrações são definidas como história social total. Isso significa que a migração incide nas várias esferas da vida pessoal e social, seja de quem parte, seja de quem fica, portanto, transformando suas visões de mundo.

Diante disso, o que mais chama atenção para o caso da região analisada é a compreensão dessa origem comum das trabalhadoras domésticas imigrantes que pode ser vista como uma prática cultural relacionada à “cultura doméstica”^{xi} e à “cultura migratória”^{xii} das famílias pobres da região Norte de Minas Gerais, assim como a construção de estratégias de sobrevivência dos grupos familiares baseado no gênero. A migração na região faz parte da história do povoamento. O processo de formação regional, aliado à formação e consolidação de latifúndios através da concentração fundiária, da intensificação do capitalismo local-rural, levou a destruição dos recursos naturais e a desapropriação dos povos nativos.

Ante o exposto, serão apresentadas as redes e as rotas de trabalhadoras domésticas (mensalistas e diaristas) sendo migrantes internas oriundas de comunidades rurais de pequenos municípios vizinhos a Montes Claros/MG. A caracterização do perfil das participantes^{xiii} é de idades entre 23 a 58 anos, autodeclaradas negras, maioria mães, casadas, migrantes de primeira e segunda geração (levando em conta que a migração é geracional) e de religião católica e evangélicas. Nas rotas migratórias estão inseridas em migrações inter-regionais (São Paulo/ SP, Brasília/ DF, São José dos Campos/ SP, Campinas/ SP) e intraestaduais (Belo Horizonte/ MG, Patos de Minas/ MG, Contagem/ MG, Nova Serrana/ MG, Montes Claros/ MG).

Por meio da pesquisa qualitativa, com o emprego da triangulação se fez presente diferentes técnicas para construção das informações sobre o objeto de estudo: oficinas, entrevistas em profundidade, observação direta, *Mapa de Rede Social* e o *software Gephi 0.9.2*. Buscou-se investigar as redes sociais e as rotas das

domésticas migrantes do Norte de Minas Gerais e qual a lógica particular da articulação desse grupo social. Os dados construídos por esses instrumentos foram analisados pela pluralidade das experiências femininas no processo migratório. Ao mesmo tempo que a história política altera os cursos e trajetória de vida dessas mulheres, também permitem questionamentos sobre como as histórias de vida e tradições da história coletiva revelam o papel social das mulheres migrantes e trabalhadoras domésticas em trânsito.

Nessa perspectiva, o texto está estruturado em dois tópicos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro tópico se refere à caracterização das redes migratórias e suas imbricações com o trabalho e a vida das trabalhadoras domésticas. Já o segundo tópico ressalta, as rotas migratórias através de uma manipulação elementar a transposição da rede e suas estruturas fundamentais o que pode indicar um padrão de mobilidade do segmento feminino do Norte de Minas Gerais.

“Norteadas pelo trabalho, ligadas pelas vidas”: as redes migratórias internas para o trabalho doméstico urbano

Cleide (*nome fictício*) nasceu em Francisco Sá/MG em 1974. Estava com 44 anos, quando foi entrevistada (2017). Em sua cidade natal, sua família trabalhava na terra, como agricultores familiares, plantando, colhendo e vendendo algum excedente. Segunda ela, era uma vida pesada, e seus oito irmãos começaram a migrar, até que ela se mudou para São Paulo e trabalhou como doméstica por 22 anos.

Eu conhecia. Primeiro foi meu irmão, morar lá, ele casou lá e me convidou para morar com eles, e eu fui. Quando cheguei lá, arrumei emprego. Meu primeiro emprego foi em uma casa de família. E fiquei lá 22 anos (Comunicação oral, Cleide, 44 anos, doméstica).

Devido ao fato de os/as conterrâneos/as organizarem a recepção, eles/as viabilizam a contratação no trabalho, a hospedagem, favorecem a migração e minimizam os medos, as incertezas e a insegurança do lugar de destino. Portanto, fica claro que as redes familiares e conjugais possibilitam que essas mulheres se integrem no processo migratório^{xiv}. Assim, o destino da migrante será selecionado com base na rede de socialização das conterrâneas, ou seja, essa escolha do local é baseada na teia de contatos dessas mulheres, com sua comunidade de origem, ou região. A experiência migratória auxilia as futuras migrações, isto é, a mobilidade da força de trabalho está relacionada com as redes de relações sociais. Dado que “as relações agenciam a trama de forças que produzem os territórios e as redes na migração”^{xv}.

Essas mesmas evidências são percebidas na pesquisa de Leão^{xvi}, sobre a forte presença das relações familiares, nossa entrevistada realça a importância do seu irmão que, sendo mais velho do que ela e vivendo há mais tempo em São Paulo, lhe orientava sobre como lidar com as situações adversas do trabalho. Assim foi também no momento em que ela se encontrava num novo emprego.

As redes, segundo Osvaldo Truzzi^{xvii} são ferramentas poderosas para explicar porque é que alguns destinos estão intimamente ligados a outras origens de imigrantes. O autor pondera que as redes sociais explicam como são forjadas as relações sociais, tornando-se um instrumento valioso para o estudo das ações sociais. Consequentemente, as redes sociais se opõem aos pressupostos de uma teoria econômica neoclássica, já que proporcionam mais autonomia para que o sujeito migrante escolha suas próprias condutas e interpretações. Em outros termos, para um determinado ponto de partida, as próprias forças com as quais as redes e rotas operam são o fator determinante que dirige preferencialmente os fluxos para destinos particulares, formando assim o sistema migratório. Em alguns

momentos, no entanto, as experiências migratórias vão se revelando, como as convicções de Carmélia (*nome fictício*):

O único lugarzinho que eu gostei, acho que é porque eu fiquei muito tempo, entendeu? Foi em Belo Horizonte. São Paulo, mesmo, Deus me livre! Não gostei. É mais cansativo, principalmente, porque, em São Paulo, as faxinas de lá chega a ser melhor do que em BH. Já Belo Horizonte, a faxina de lá é mais dura que em São Paulo, eu gostei das faxinas em São Paulo. A faxina em São Paulo é mais ou menos assim ... A casa não precisa jogar água, lavar o azulejo de cozinha também, não! Não precisa de jogar água, lá tem as coisas para limpar e, já em BH, não você tinha que jogar água (Comunicação oral, Carmélia, 43 anos, doméstica).

Dentre os principais conteúdos que circulam nessas redes, notam-se as condicionalidades da informação dos rendimentos auferidos na atividade doméstica no meio urbano. Muitos depoimentos expressam esta lógica econômica de que em determinado local (geralmente em grandes cidades) têm rendimentos superiores. E isso é um chamariz para o recrutamento, tanto das redes informais quanto das redes formais. Os circuitos alternativos de sobrevivência representam inclusive uma estratégia para a entrada de dinheiro nos lugares de origem, por meio das remessas enviadas pelas imigrantes. Estes circuitos de sobrevivência são muitas vezes complexos: a multiplicidade de lugares e a diversidade de atores levam à formação de uma cadeia muito longa que liga trabalhadoras domésticas, patrões, amigas de trabalho, conterrâneas e familiares^{xviii}.

Retomando as reflexões de Sueli Siqueira^{xix} sobre a “cultura migratória”, encontramos semelhanças nos relatos sobre a tomada de decisão dessas mulheres ao migrar para o trabalho doméstico urbano. É um fluxo configurado historicamente, consolidado, característico da região, que afeta o modo de viver das pessoas, a configuração de famílias, influencia as relações econômicas,

familiares e sociais. Creio que a principal marca desta cultura é o desejo nutrido e compartilhado pelo/as habitantes da região de emigrar para um outro lugar, geralmente onde possam garantir sua sobrevivência, “ganhar o pão”, “ser independente”, “ter minhas coisinhas”, etc. A análise da migração nessa perspectiva de gênero torna as mulheres visíveis entre os migrantes e revela o desenvolvimento dos seus papéis. Ou seja, as próprias mulheres que procuram trabalho aparecem nessas situações e formam estes circuitos.

A análise das mobilidades a partir de uma perspectiva de gênero tornou as mulheres visíveis entre os migrantes e destacou seus papéis: são as próprias mulheres que procuram emprego que emergem nestas situações e forjam estes circuitos.

O relato de Cecília (*nome fictício*), a seguir, evidencia o círculo geracional em que mães e filhas reproduzem o lugar social reservado a essas mulheres que saem de suas comunidades rumo aos grandes centros para o trabalho doméstico:

Eu não queria que ela fosse [filha], mas ela quis ir, ela foi primeiro para trabalhar de doméstica. A outra [filha] mais velha já saiu para casa de família. Quase todas foram para São Paulo. Tudo atrás de trabalho, trabalho... Em São Paulo, de babá! Conseguiu esse emprego, ela é assim muito espontânea e essa amiga dela corre atrás e indicou ela. Minha filha adora São Paulo. Já morou no Morumbi, ela morou no Jardim Europa. Ela morou em vários lugares lá.

Pela sua narrativa, percebe-se como as redes são indissociáveis da relação com o trabalho e da guetização das atividades naturalizadas das mulheres. E são em grandes centros, como São Paulo, que a contratação de mulheres para afazeres domésticos e do cuidado pode ser requisitado entre as mulheres de classe mais baixa, acentuando as desigualdades entre o gênero. Tais circuitos, levam a uma feminização (parcial) das estratégias de sobrevivência^{xx}.

Ainda sobre a migração interna e o trabalho doméstico, na pesquisa de Torres e Mendes^{xxi} é narrada como diversas jovens migrantes rurais de várias regiões do país afora, enfrentaram a exploração tanto escancarada como mascarada. Pois, é a partir das reflexões de Thays Monticelli^{xxii} sobre a “cultura doméstica” é que se vislumbra a condição social destas trabalhadoras. “Ela seria responsável por estabelecer tanto as práticas cotidianas do lar, os pressupostos de intimidade e cuidado, quanto a própria compreensão dos direitos dos trabalhadores”^{xxiii}. Segundo a autora, esta “cultura” é forjada pelas relações de poder dentro da família e pela divisão sexual do trabalho. Quando questionadas sobre a valorização do trabalho realizado por elas, Hortência (*nome fictício*) afirmou:

Você já viu, eu acho que é um pouco por causa do racismo. Só pelo fato de ser mulher que pratica esse serviço aí. Ou seja, tudo para o lado da mulher é mais diferente! Oh, hoje nós temos direito a carteira assinada e isso tudo aí! Há um tempo atrás. Acho que é por causa da mulher!

Hortência conclui que a questão do gênero e do racismo que compõem a “cultura doméstica”, reconfigurando ao longo do tempo, a interseccionalidade e relações de poder que se mantêm mesmo com o direito a carteira assinada, garantido pela “PEC das domésticas”^{xxiv} em 2013. Suas trajetórias de vida são marcadas por pertencerem a uma classe menos favorecida, tendo o trabalho doméstico como possibilidade de trabalho nas cidades. Isto por serem mulheres, por trazerem a socialização do trabalho doméstico no âmbito de suas famílias.

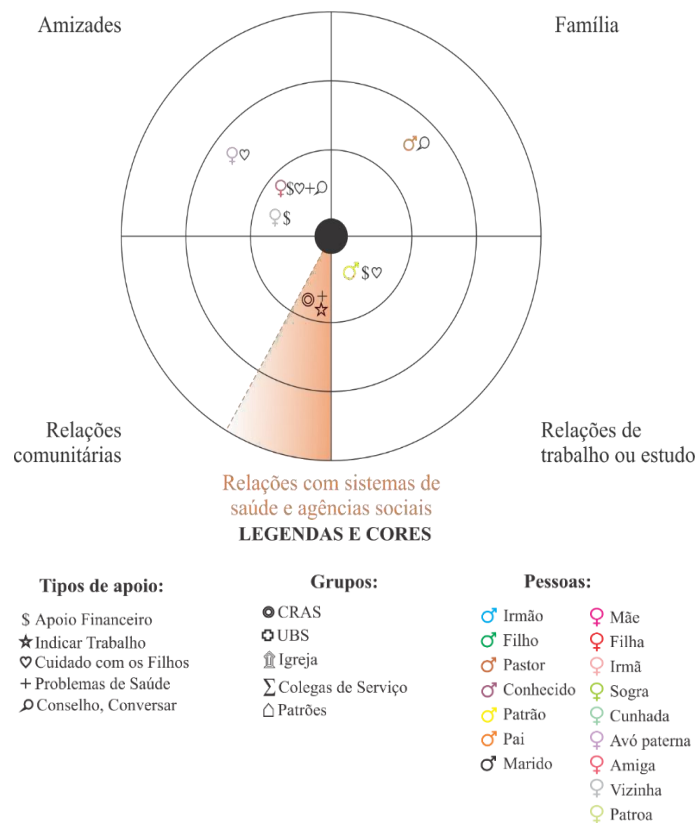
Acrescente-se a isso, o debate proposto por Vivian da Veiga Silva^{xxv} de que os estudos migratórios devem considerar as interseccionalidades produtoras das múltiplas vulnerabilidades impostas às mulheres migrantes: questões de gênero e colonialidade, produtoras de discursos e práticas que discriminam e violam corpos racializados, somadas à lógica patriarcal, que responde pela violência de gênero

e determina o lugar que mulheres ocupam no mercado de trabalho como bem discutida durante a oficina. Para Adriana Piscitelli^{xxvi} é na articulação e na interseccionalidade dos marcadores sociais da diferença (gênero, raça, classe, localidade, sexualidade) que se hierarquiza a opressão.

À exemplo dos resultados produzidos pelo *Mapa de Redes Sociais* (figura 1), co-construído com elas, revelaram a configuração familiar e a rede pessoal significativa social das domésticas migrantes. As redes construídas são basicamente compostas pelo núcleo familiar, nessa situação de origem rural. Ao mostrar-lhe o seu mapa da rede social Rosa (*nome fictício*), disse:

Eu não tinha consciência das pessoas que me ajudam! Olhando assim, eu percebo que ser empregada doméstica e ter vindo embora para cá só foi possível com a ajuda dessas pessoas. Não sabia que podia contar com tanta gente!

Figura 1 – Mapa da Rede Social de Rosa



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O Mapa da Rede Pessoal de Rosa apresenta-se com o quadrante Amizades como o mais significativo. Uma amiga fornece apoio financeiro, cuidado com os filhos, problemas de saúde, conselhos e conversas. A avó paterna ajuda com os cuidados com os filhos e a vizinha com recursos financeiros. Em relação à Família, o pai é a figura a quem se recorre para pedir conselhos e conversar. Nas *Relações de trabalho*, o patrão fornece ajuda financeira, através de vales (que são adiantamentos do salário) e apoio nos cuidados com os filhos (geralmente esse apoio se reveste em ajuda material, fornecendo presentes, materiais escolares, etc.) que, na interpretação de Rosa, acaba contribuindo para a criação de seus filhos. Trata-se de uma rede social pequena, o que tende a gerar tensão e sobrecarregar uma amiga. Pela densidade, como é reduzida, torna-se ineficaz na resolução de conflitos e não permite haver mudanças.

A composição da rede social de Rosa está circunscrita a três membros com distribuição muito próxima a ela. Nota-se também a instituição *Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)*, onde ela pode recorrer para buscar trabalho e ajuda para problemas de saúde. Essa falta de diversificação de contatos pode gerar menos possibilidades e opções para satisfazer suas necessidades e de sua família. Essa proximidade com uma instituição de Assistência Social pode fazer funcionar a rede como menos flexível, tornando-se ineficazes para gerir problemas do cotidiano, pois, as pessoas acabam tendo uma dependência exagerada delas, diminuindo a possibilidade de ampliação de sua rede social.

Ao confirmar o apoio familiar, a pertença a uma rede de apoio tem um impacto positivo no processo migratório, não só melhorando as condições objetivas através da disponibilização de recursos materiais e instrumentais, mas também influenciando positivamente o subjetivo. A troca de apoio emocional e cognitivo confere-lhes um importante papel social^{xxvii}.

Os depoimentos revelam as dinâmicas presentes nas relações migratórias dessas mulheres. A família como importante apoio social ao projeto migratório. As informações, confiança, cooperação que atuam como “capital migratório”^{xxviii} oriundas das redes sociais das/nas migrações. As redes da migração estão relacionadas com as interações interpessoais presentes no processo social migratório, como ficou evidenciado pelos mapas das redes sociais. As redes na migração vinculam-se aos recursos disponíveis para agir em contextos migratórios foi demonstrado pela utilização do *software Gephi* sinalizando as rotas. A primeira está ligada com a sustentabilidade no destino. Já a segunda é vista como ajuda, capital social e a cultura necessários para o deslocamento.

O sentimento de pertencimento de grupo (domésticas) expressa-se quando elas se referem a vínculos que estabeleceram no lugar em que mais tempo moraram. Na visão de Pierre Bourdieu^{xxix}, “essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social, porque são fundadas em trocas materiais e simbólicas que supõem re-conhecimento”. O capital social apresenta, portanto, como um de seus domínios, certa maleabilidade que se expressa na probabilidade de conversão de uma forma para outra. No caso de Carmélia (nome fictício), sua adaptação a outras cidades pode passar do sentimento de não pertencimento para o de pertencimento, a depender das redes que formar.

O reconhecimento está também vinculado ao território com o qual a doméstica se identifica. Entretanto, essa identificação varia conforme a qualidade da relação social construída no ambiente. Isso porque as domésticas ligam-se a lugares e também a pessoas que ali habitam. Ao inserir-se em uma nova família, a doméstica transpassa do seu lugar para o lugar do outro, o sentido do seu lugar passa a ser compreendido como os seus lugares. A pluralidade do lugar está além do aspecto físico e geográfico das mediações sociais.

Claudia Pedone^{xxx} assevera que a migração deve ser vista e compreendida como um processo constituído em rede por estratégias, conflitos e solidariedades em torno do que a autora denomina capital social, que poderíamos denominar de territórios em rede, isto é, de todas as relações sociais construídas por migrantes e não-migrantes, entre a “sociedade” de origem e de destino através das interações em rede. As redes, de fato, “carregam” símbolos, representações, significados, informações, identificações e diferenças; ligam e desligam, de acordo com a situação social de cada indivíduo.

As redes de relações sociais compartilhadas durante a experiência migratória, mesmo no trajeto entre o local de origem e as capitais (Belo Horizonte e São Paulo), são fundamentais para nutrir o tempo de residência nos locais de destino e contribui para a experiência compartilhada de deslocamentos na diáspora trabalhista feminina^{xxxi}. Por isso, Carmélia (*nome fictício*) se identifica mais com Belo Horizonte, onde ela conseguiu arregimentar laços de amizade e apoio, fundamentais para enfrentar dificuldades econômicas e psicológicas do deslocamento.

A construção das redes na migração está na base da conexão entre territórios, sobretudo entre os de origem e os de destino: isso possibilita a produção de territórios em rede na mobilidade espacial. A abordagem do território em rede é construída a partir das relações sociais que, produzidas no interior do processo migratório, estão vinculadas não só ao território mas também ao peso heurístico que é conferido às relações sociais entre migrantes e não-migrantes, às interações, comunicações e informações que criam os trunfos territoriais, os estranhamentos, a construção de identidades e representações, conflitualidades e cooperações, redefinições e adaptações, enfim, as territorialidades cotidianas e a reterritorialização em rede^{xxxii}.

Em relação à formação de redes, ficou claro que, embora distantes das famílias, todas as domésticas afirmaram possuir pelo menos um(a) amigo(a) ou parente com quem podem contar nos momentos difíceis. A partir das entrevistas, identificou-se que, em geral, as domésticas estão inseridas em determinados bairros nas capitais onde há um grupo de pessoas da mesma região, como os conterrâneos dos municípios do Norte de Minas Gerais.

As entrevistadas relataram que, durante o processo migratório, sofreram influência da rede social, principalmente da família. Demonstrou-se que os apoios se configuram em ajuda financeira, indicação de trabalho e cuidados com filhos. Evidenciou-se a dimensão de gênero, pela presença acentuada das mulheres na tecitura dessas redes. O trabalho apresenta-se como categoria fundamental para analisar essas redes pessoais e as figuras de patrões e das colegas de serviço estiverem presente na maioria dos mapas.

Como vimos anteriormente, as redes sociais constituem a possibilidade de apreender o “contexto social” das migrantes através das diversas interações entre migrantes e não-migrantes que possibilitam a criação de estruturas, papéis e posições de rede, como se vê aqui, que determinam as oportunidades e regularidades do processo de migrar^{xxxiii}.

“Eu estou indo para São Paulo e, quando eu chegar, vou para Belo Horizonte”: as rotas migratórias de empregadas domésticas do Norte de Minas Gerais

As rotas migratórias, segundo Rodolfo Casillas^{xxxiv} podem ser de diferentes tipos. Neste estudo assume-se as rotas terrestres e seu ponto de entrada pelo território. Conforme a função que exercem, as rotas podem ser: principais ou secundárias; largas ou curtas; autônomas (usadas apenas para migrantes) ou compartilhadas (usadas para outros fins); seguras; econômicas; alternativas. Pode haver, ainda, num só trecho, uma combinação dessas características. Nos

entroncamentos das rotas, há os seguintes pontos de acumulação de pessoas: (1) plataformas: locais de chegada e partida, onde os migrantes se agrupam; (2) portos de enlace ou nós: bifurcações onde os migrantes podem ser redirecionados a outras rotas; (3) locais de passagem: onde os grupos podem fazer pequenos repousos sem serem detidos.

Com relação ao sociograma gerado pelo *Gephi* (figura 2), que é a visualização da rede através de uma manipulação elementar, o objetivo era transpor a rede e suas estruturas fundamentais do invisível para o visível. As domésticas migrantes ocupam posição de destaque e se integram fundamentalmente às cidades de destino, possibilitado pelos elos intermediários (mãe, irmãos, filho/as, esposo), ou seja, que tiveram êxito na migração. Ou seja, são locais de passagem em que se cumpre parte do trajeto para o destino final.

Estas representações são similares aos diagramas de geometria espacial, nos quais os atores figuram como “pontos” e as relações (cidades) entre si são exibidas por meio de linhas. Logo, os sociogramas possibilitam visualizar os canais estabelecidos entre as pessoas, a influência exercida entre os mesmos e quais são os líderes e os indivíduos isolados, identificando, assim, assimetrias e reciprocidade^{xxxv}. Já os indicadores de centralidade permitem analisar: o grau de conectividade da rede; os atores com maior ou menor número de interações; a intermediação de alguns atores no âmbito dos relacionamentos com outros indivíduos; e, por último, a proximidade entre os indivíduos por meio das suas interações^{xxxvi}.

Figura 2 – Sociograma da rota migratória de empregadas domésticas do Norte de Minas Gerais, 2019.



Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Nesse sociograma, mostra-se as possíveis relações entre os atores, posições e o deslocamento. Assim, um conjunto de nós-linhas-redes do sistema territorial coadunam com a compreensão dos fluxos e das rotas migratórias^{xxxvii}. Adicionalmente, nesta análise, a pesquisa revelou as principais rotas migratórias com o conjunto de participantes desta rede, sendo destacadas: São Paulo, Belo Horizonte e Brasília.

Demonstrou-se que em relação à conexão, podemos falar em biconexão para designar uma cadeia entre duas ou mais rotas. Brasília é o destino de duas dessas mulheres (Denise e Marinalva - *nomes fictícios*) e a cidade de São Paulo aparece no trajeto migratório de cinco. Em seguida, Belo Horizonte tem três nessa rota (Marinalva, Amélia e Carmélia - *nomes fictícios*). Como uniconexão, designamos um caminho em sentido único, no qual aparecem: Campinas, São José dos Campos, Nova Serrana e Montes Claros. Podemos considerar que estes

dois nós (São Paulo e Belo Horizonte) funcionam como “pontes”, uma vez que estabelecem relações e têm acesso a informação e ideias provenientes de diferentes grupos ou indivíduos.

A centralidade de intermediariedade (*betweenness*) é uma medida da importância da posição intermediária ocupada no sistema migratório. Podemos afirmar que Belo Horizonte e Contagem as configuram, logo diferem de São Paulo e Brasília. A hipótese é de que quanto mais um destino se encontra na posição intermediária, mais se encontra numa situação em que os atores têm de passar por ele para chegar aos outros destinos, logo, maior capacidade de controle da circulação da informação entre os atores.

De acordo com a definição de Lisa Benton-Short e Marie Price^{xxxviii}, “as *gateway cities*^{xxxix} desempenham o papel de ‘nós’, para os quais convergem e de onde partem bens, capital e pessoas”^{xl}. No caso de pessoas, as autoras destacam que a permanência nestas cidades pode durar horas, meses ou anos, de modo compatível com a variação do período de trânsito e da fragmentação das migrações por etapas. A partir da interpretação do grafo é possível afirmar que há um padrão de mobilidade inter-regionais do segmento feminino direcionado para Belo Horizonte, Brasília e São Paulo de forma mais compacta, permitindo identificar algumas *gateway cities* da rota Norte de Minas Gerais. As mulheres abordadas nesta pesquisa migram fazendo parte de um processo social coletivo, de modo que similaridades e familiaridade estendem-se muito além delas, pois, “não são os indivíduos que emigraram, mas sim a rede”^{xli}. Quando questionadas sobre a identificação de pessoas que facilitam essa migração para as capitais para o trabalho, a integração e as normas que estão presentes, Marinalva (*nome fictício*) disse:

– *Oh, eu acho, que Nova Serrana mesmo, eu acho que foi assim eu não sei te explicar quem foi, mas a maioria assim. Um foi primeiro aí, tipo assim, aí, como sempre, tem família*

aqui, um passa para o outro, é melhor e, aí, por diante. É desse jeito e vai indo, vai indo, vai indo. E igual eu te falo, igual minha mãe pelo fato dela ter ido para São Paulo e depois foi para Belo Horizonte. Nisso por ela ser a única que morava lá, aí, depois, os irmãos dela mesmo foram para lá, moram lá, né? E foi assim, através de um, que acaba levando o outro, é melhor assim e assim por diante vai. Tem trinta anos, ó, para você ver, essa tia minha, a caçula Maria do Socorro, ela foi a que foi por último. Ela já tem é dezoito, dezenove anos que ela está lá. Muito anos e muitos anos porque é igual, eu estou te falando, eu tenho quarenta anos, a minha mãe falou que quando foi embora para lá eu não tinha um ano de idade, não. Eu era muito nova. Aí ficou! Até que eu acho que lá em São José ela ficou pouco tempo. Foi, parece que foi só dois anos. Mas o resto da vida mesmo foi lá, em Belo Horizonte, mesmo (Comunicação oral, Marinalva, 40 anos, doméstica).

De acordo com Gláucia de Oliveira Assis^{xlii}, a compreensão das redes sociais é o que permite analisar as articulações e modificações que estão imbricadas pelos atributos de gênero e parentesco. Por isso, a posição dos atores Carmélia, Denise, Cecília, Amélia e Cleide (*nomes fictícios*) são centrais, pois estabeleceram conexão com o destino final na cidade de São Paulo. Neste sentido, o nó mais central desta rede a capital paulista, com 5 apontamentos, revelando que as ações estão centradas em poucas cidades, apontando para a existência de hierarquia na rede. De acordo com Weber Soares e Dimitri Fazito^{xliii}, nem sempre o direito de escolha é exercido isoladamente, à revelia da inserção social de um indivíduo em sua coletividade. Parece indispensável a compreensão mais precisa da organização estrutural das comunidades de migrantes. Retomando as reflexões de Sayad^{xliiv} a migração é essencialmente um projeto coletivo. A migração implica forçosamente o deslocamento do indivíduo num espaço social e vincula o migrante à coletividade e suas instituições.

Pelas entrevistas, notam-se que laços interpessoais ligam as migrantes do Norte de Minas e as migrantes anteriores por meio dos vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade em São Paulo. Essas são representadas como agentes intermediários, através do “capital social de solidariedade”^{xlv}, que produz sustentação mútua entre integrantes da rede. O capital social de solidariedade deriva-se das relações tecidas externamente à rede, baseadas na reciprocidade, influência e da disseminação da informação.

As rotas migratórias dessas trabalhadoras domésticas, revelaram que essa rede migratória vem alargando a quantidade de ligações entre os lugares, e confirmando São Paulo e Belo Horizonte (posição intermediária) como destino. A região Sudeste do Brasil, segundo Pereira, Queiroz e Carvalho^{xlvi} funciona como polo de grande atração. Entretanto, em alguns casos, especialmente as mulheres, elas acabam aceitando trabalhos mal pagos, na informalidade e com condições precárias, a exemplo do trabalho doméstico, que funciona como uma porta de acesso e liberdade.

A “cultura migratória” é assim identificada como facilitadora do deslocamento interno via parentesco, compatriotas e ex-migrantes, que atuam como redes na transferência de informação, recursos e capital migratório. A presença de laços de parentesco, amizade e conterraneidade reduz o impacto da migração, tornando possível manter certas rotas migratórias se for bem-sucedida. No que tange a densidade da relação, o aumento do capital social de solidariedade e reciprocidade presentes nos laços entre as cidades/destinos e a ampliação das variações de diferentes lugares são preponderantes na escolha do destino.

Analisando o processo de integração ao mercado de trabalho doméstico das mulheres do Norte de Minas, em São Paulo, verificamos a relação entre capital migratório e processos de deslocamento. Nota-se que a informação (“indicar para

alguma patroa” ou “redes de patroa”), redes de parentesco junto com a experiência adquirida contribui como estratégia de investimento e know-how da migração, facilitando o trânsito em dois mundos diferenciados, o sertão mineiro e o grande centro paulistano.

Considerações

A seu modo, a migração de mulheres norte-mineiras para o trabalho doméstico nas rotas de mobilidade entre Belo Horizonte, São Paulo, Brasília e algumas cidades mineiras e paulistas, como Montes Claros e São José dos Campos, pode ser explicada tanto pelos determinantes estruturais na origem, como também pela capacidade de agir em contextos restritivos. São, portanto, migrantes do Sul Global e representam o atual cenário de migração global de migração Sul-Norte e Sul-Sul. Entre o desejo coletivo do sonho de “melhoria de vida” e o desejo individual da melhoria da vida da família, as mulheres se juntam em seus locais de origem e destino em busca de trabalho, recriando espaços de sociabilidade nos circuitos de sobrevivência (destino). Desse modo, a divisão do trabalho reprodutivo conecta mulheres em todo o mundo por meio de nós localizados de recepção desse tipo de mão de obra.

Também possibilitou perceber que as redes são essenciais na migração sua compreensão não deve obscurecer outros fenômenos relacionados, pois, as redes sociais também geram pressão de grupo, conflitos e são estruturadas por relações de poder. O contexto e as características das relações que homens e mulheres estabelecem com a família, amigos e outras pessoas significativas podem, em alguns casos, ser fatores de risco ou de proteção que influenciam o seu comportamento e circunstâncias, como por exemplo, as organizações criminosas. Como buscou-se demonstrar, a presença de trabalhadoras domésticas migrantes em uma rota que originalmente passava pelo norte de Minas Gerais sugere que os

dois fatores interagiram. Um deles é o suporte legal que lhes é dado para ingressarem na rota imigratória, o que começa a despertar o interesse dessas trabalhadoras, e o outro é a ampliação da rede de apoio social. Portanto, como característica da paisagem do norte de Minas Gerais, essa mobilidade espacial é ao mesmo tempo uma parte suplementar da dinâmica populacional e uma característica histórica da cultura local. Tais fatos se tornaram uma característica proeminente do Norte de Minas Gerais, representando um fenômeno muito marcante que não é apenas exclusivo da região, mas também corresponde a intensificação das mobilidades e migrações internas contemporâneas em diferentes dimensões e territorialidades.

As redes sociais e as rotas são componentes fundamentais para reconfigurar espaços de sociabilidades, modos e maneiras de viver com variações entre rural e urbano, conferindo espaço de vida e de trabalho. Portanto, as redes e as rotas pesquisadas constituem-se de mulheres que acolhem outras mulheres e constroem os diversos mapas e sociograma com forma e conteúdo que auxiliam na compreensão do processo migratório enquanto dinâmico, estratificado e interseccional.

Por último, este estudo contribui para a compreensão das migrações contemporâneas recentes, da composição e da coexistência migratória de mulheres migrantes trabalhadoras domésticas, especialmente no Norte de Minas Gerais, e ainda, por meio dos relatos produzidos, contribui para a discussão sobre redes e rotas migratórias.

Notas

ⁱ MEDEIROS, Maria Lúcia. **Velas, por quem?**. Belém: CEJUP, 1991. p. 11-12.

ⁱⁱ Expressão muito comum nos relatos de muitas empregadas domésticas. Essa expressão corriqueiramente é admitida quando se pensa na figura da doméstica, ao longo do texto ela aparecerá como narrativa na fala das domésticas. Ao abordá-la, assume-se que é

uma fala das próprias domésticas, e, que a casa delas também são “casas de famílias” e não expressa o termo sociológico pejorativo que pode pressupor.

ⁱⁱⁱ MOROKVASIC, Mirjana. Birds of Passage are also Women. **International Migration Review**, v. 18, n. 4, p. 886–907, 1984.

^{iv} TORRES, Iramaira de Oliveira; MENDES, Brenda Maria Vieira. “Eu quero ir me embora pra minha casa”: migrações e experiências de trabalho doméstico no Maranhão (1980–1990). **Manduarisawa** – Revista Discente do Curso de História da UFAM, Manaus, v. 6, ano 1, p. 199–218, 2022.

^v PEREIRA, Francisco Lucas do Nascimento, QUEIROZ, Silvana Nunes de; CARVALHO, Ricardo Monteiro de. Mulheres migrantes cearenses: como estão ocupadas. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, Rio Claro, v. 22, n. 2, p. 300–321, 2024.

^{vi} LEÃO, Leilyane Souza. Entre a Bahia e São Paulo: narrativa feminina sobre migração e trabalho doméstico. **Revista da ABET**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 90–99, 2017.

^{vii} SASSEN, Saskia. Vers une analyse alternative de la mondialisation: les circuits desurvies et leurs acteurs. **Cahiers du Genre**, Paris, v. 1, n. 40, p. 67–89, 2006.

^{viii} EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie. (eds.). **Global woman: nannies, maids and sex workers in the new economy**. New York: Henry Holt and Company, 2002. PARREÑAS, Rhacel Salazar. **Servants of globalization: women, migration and domestic work**. California, Stanford University Press, 2001.

^{ix} FARIA, Guélmer Júnior Almeida de. **Do seu lugar para o lugar dos outros: a migração de mulheres e sua inserção no trabalho doméstico**. 140 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2014.

^x SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

^{xi} MONTICELLI, Thays Almeida. **“Eu não trato empregada como empregada”**: empregadoras e o desafio do trabalho doméstico remunerado. 231 f. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

^{xii} SIQUERIA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

^{xiii} Foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos da Universidade Estadual de Montes Claros–MG, conforme determina a Resolução nº. 196 do Conselho Nacional de Saúde, de 10 de outubro de 1996. Aprovação CEPEX – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão nº. 020/2017. Previamente às entrevistas, foram fornecidas aos sujeitos da pesquisa informações sobre sua participação, sendo respeitados os critérios de voluntariedade, confidencialidade e anonimato, com formalização prévia de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

^{xiv} ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 15, v. 3, p. 745–772, 2007.

^{xv} SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 11, ano 13, p. 118–127, 2008, p. 119.

^{xvi} LEÃO, *Op. Cit.*, 2017.

- ^{xvii} TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199–218, 2008.
- ^{xviii} SASSEN, *Op. Cit.*, 2006.
- ^{xix} SIQUERIA, *Op. Cit.*, 2009.
- ^{xx} SASSEN, *Op. Cit.*, 2006.
- ^{xxi} TORRES; MENDES, *Op. Cit.*, 2022.
- ^{xxii} LEÃO, *Op. Cit.*, 2017.
- ^{xxiii} MONTICELLI, 2017. p. 14).
- ^{xxiv} Lei Complementar nº. 150, de 1º de junho de 2015. Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico.
- ^{xxv} SILVA, Vivian da Veiga. Contribuições dos estudos de gênero e da decolonialidade para os debates sobre migrações internacionais. **GeoPantanal**, Corumbá, n. 32, p. 103–116, 2022.
- ^{xxvi} PISCITELLI, Adriana Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras **Sociedade e Cultura**, vol. 11, n. 2, 2008, p. 263–274.
- ^{xxvii} GARCÍA-GARCÍA, Diva Marcela, MEDINA, Margarita; LÚCAR, Miriam. Apoyos y redes sociales de las personas mayores en calle. **Revista Colombiana de Ciencias Sociales**, Medellín, v. 15, n. 1, p. 170–196, 2024.
- ^{xxviii} GARIP, Filiz. Social capital and migration: how do similar resources lead to divergent outcomes? **Demography**, Rostok, v. 45, n. 3, p. 591–617, ago. 2008.
- ^{xxix} BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 65.
- ^{xxx} PEDONE, Claudia. **“Tu siempre jalas a los tuyos”**: cadenas y redes migratórias de las familias ecuatorianas hacia España. 555 f. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2003.
- ^{xxxi} PARREÑAS, *Op. Cit.*, 2001.
- ^{xxxii} SAQUET; MONDARDO, *Op. Cit.*, p. 126.
- ^{xxxiii} FAZITO, Demétrio. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade. In: **XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 2002, Ouro Preto. Anais... Ouro Preto: ABEP, 2002.
- ^{xxxiv} CASILLAS R., Rodolfo. Las rutas de los centroamericanos por México, un ejercicio de caracterización, actores principales y complejidades. **Migración y Desarrollo**, Zacatecas, n. 10, p. 157–174, 2008.
- ^{xxxv} SCOTT, John. **Social Network Analysis: a handbook**. 2. ed. London: Sage Publications, 2000.
- ^{xxxvi} FIALHO, João. Análise de redes sociais: princípios linguagem e estratégias de ação na gestão do conhecimento. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, Número Especial, p. 9–26, out. 2014.
- ^{xxxvii} SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002.
- ^{xxxviii} BENTON-SHORT, Lisa; PRICE, Marie. **Migrants to the Metropolis: the rise of immigrant gateway cities**. Syracuse: Syracuse University Press, 2008.

^{xxxix} São cidades que são intermediárias, nativamente chamadas de “cidades- pousa”. Essas cidades funcionam como ancoragem e estão no caminho para o destino final. Ficam no meio do caminho de origem e de destino.

^{xi} BENTON-SHORT; PRICE, *Op. Cit.*, 2008, p. 6.

^{xii} TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-McLAUGHLIN, Virgínia. (Ed.). **Immigration reconsidered**. Oxford: Oxford University Press, p. 79-95, 1990, p. 84.

^{xiii} ASSIS, *Op. Cit.*, 2007.

^{xiiii} SOARES, Weber; FAZITO, D. Quando o “Direito de Escolha” não é um Direito: da distinção estrutural entre migrantes internacionais regulares e irregulares em Governador Valadares. In: **XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 14, 2008, Caxambu. Anais... Caxambu: ABEP, 2008.

^{xiv} SAYAD, *Op. Cit.*, 1998.

^{xv} TRUZZI, *Op. Cit.*, 2008, p. 212.

^{xvi} PEREIRA; QUEIROZ; CARVALHO. *Op. Cit.*, 2024.

Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 15, v. 3, p. 745- 772, 2007.

BENTON-SHORT, Lisa; PRICE, Marie. **Migrants to the Metropolis**: the rise of immigrant gateway cities. Syracuse: Syracuse University Press, 2008.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CASILLAS R., Rodolfo. Las rutas de los centroamericanos por México, un ejercicio de caracterización, actores principales y complejidades. **Migración y Desarrollo**, Zacatecas, n. 10, p. 157-174, 2008.

EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie. (eds.). **Global woman**: nannies, maids and sex workers in the new economy. New York: Henry Holt and Company, 2002.

FARIA, Guélmer Júnior Almeida de. **Do seu lugar para o lugar dos outros**: a migração de mulheres e sua inserção no trabalho doméstico. 140 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2014.

FAZITO, Demétrio. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade. In: **XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 2002, Ouro Preto. Anais... Ouro Preto: ABEP, 2002.

FIALHO, João. Análise de redes sociais: princípios linguagem e estratégias de ação na gestão do conhecimento. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, Número Especial, p. 9-26, out. 2014.

GARCÍA-GARCÍA, Diva Marcela, MEDINA, Margarita; LÚCAR, Miriam. Apoyos y redes sociales de las personas mayores en calle. **Revista Colombiana de Ciencias Sociales**, Medellín, v. 15, n. 1, p. 170-196, 2024.

GARIP, Filiz. Social capital and migration: how do similar resources lead to divergent outcomes? **Demography**, Rostok, v. 45, n. 3, p. 591-617, ago. 2008.

LEÃO, Leilyane Souza. Entre a Bahia e São Paulo: narrativa feminina sobre migração e trabalho doméstico. **Revista da ABET**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 90-99, 2017.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Velas, por quem?**. Belém: CEJUP, 1991.

MONTICELLI, Thays Almeida. **“Eu não trato empregada como empregada”**: empregadoras e o desafio do trabalho doméstico remunerado. 231 f. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MOROKVASIC, Mirjana. Birds of Passage are also Women. **International Migration Review**, v. 18, n. 4, p. 886-907, 1984.

PARREÑAS, Rhacel Salazar. **Servants of globalization**: women, migration and domestic work. California, Stanford University Press, 2001.

PEDONE, Claudia. **“Tu siempre jalas a los tuyos”**: cadenas y redes migratórias de las familias ecuatorianas hacia España. 555 f. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2003.

PEREIRA, Francisco Lucas do Nascimento, QUEIROZ, Silvana Nunes de; CARVALHO, Ricardo Monteiro de. Mulheres migrantes cearenses: como estão ocupadas. **Estudos Geográficos**: Revista Eletrônica de Geografia, Rio Claro, v. 22, n. 2, p. 300-321, 2024.

PISCITELLI, Adriana Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras **Sociedade e Cultura**, vol. 11, n. 2, 2008, p. 263-274.

SASSEN, Saskia. Vers une analyse alternative de la mondialisation: les circuits desurvivés et leurs acteurs. **Cahiers du Genre**, Paris, v. 1, n. 40, p. 67-89, 2006.

SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 11, ano 13, p. 118-127, 2008.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCOTT, John. **Social Network Analysis: a handbook**. 2. ed. London: Sage Publications, 2000.

SILVA, Vivian da Veiga. Contribuições dos estudos de gênero e da decolonialidade para os debates sobre migrações internacionais. **GeoPantanal**, Corumbá, n. 32, p. 103-116, 2022.

SIQUERIA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SOARES, Weber; FAZITO, D. Quando o “Direito de Escolha” não é um Direito: da distinção estrutural entre migrantes internacionais regulares e irregulares em Governador Valadares. In: **XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 14, 2008, Caxambu. Anais... Caxambu: ABEP, 2008.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-McLAUGHLIN, Virgínia. (Ed.). **Immigration reconsidered**. Oxford: Oxford University Press, p. 79-95, 1990.

TORRES, Iramaira de Oliveira; MENDES, Brenda Maria Vieira. “Eu quero ir me embora pra minha casa”: migrações e experiências de trabalho doméstico no Maranhão (1980-1990). **Manduarisawa** - Revista Discente do Curso de História da UFAM, Manaus, v. 6, ano 1, p. 199-218, 2022.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

Recebido em: 29/08/2025

Aceito em: 31/03/2025

Publicado em: 30/06/2025